



## **“SABERES INDÍGENAS SATERÉ-MAWÉ EM PARINTINS: EDUCAÇÃO, ETNOCONHECIMENTO E CIÊNCIAS NAS ESCOLAS NÃO INDÍGENAS”**

Heliano de Souza Soares <sup>1</sup>

Célia Aparecida Bettiol <sup>2</sup>

Introdução: O texto apresenta resultados parciais da pesquisa em andamento e busca compreender a diversidade cultural, bem como contribuir no fortalecimento da identidade e dos saberes dos povos tradicionais. Os dados apresentados são oriundos da revisão bibliográfica sobre o tema. Nosso interesse é voltado às crianças Sateré-Mawé, dada sua alta presença nas escolas de Parintins. Os Sateré-Mawé constituem-se na segunda maior etnia do Estado do Amazonas, habitando diversas áreas da região amazônica. A relação dos conhecimentos tradicionais das crianças indígenas com o ensino de Ciências, como terra, água, alimento e cura medicinal é fundamental e passados de geração em geração. A escola, sendo um ambiente privilegiado, deve valorizar esses conhecimentos, promovendo habilidades como pensamento crítico, curiosidade científica e compreensão do mundo natural, permitindo que os alunos se envolvam ativamente com o mundo ao seu redor na relação com diferentes culturas e formas de conhecimento. Nesse sentido, conforme discutido por Manuela Carneiro (2009) a valorização dos conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas e outras populações tradicionais se torna essencial no contexto educacional, promovendo o diálogo entre diferentes formas de conhecimento e enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem. A metodologia utilizada neste estudo é de abordagem qualitativa, e aqui apresentamos um recorte da mesma pautado na pesquisa bibliográfica. O objetivo é verificar como os saberes tradicionais indígenas são integrados em relação ao ensino de ciências no contexto escolar não indígena em Parintins, especialmente entre as crianças Sateré-Mawé. A pesquisa bibliográfica foi realizada em bases de dados acadêmicas, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema. Foram consultados artigos, livros e outros documentos para analisar a integração desses conhecimentos nas escolas não indígenas, considerando aspectos históricos, sociais e culturais. Os Resultados e/ou discussão enfatiza o modo de vida da maioria das populações nativas amazônicas resulta do conhecimento transmitido de geração a geração segundo tradições culturais, estejam estas no plano subjetivo ou objetivo (Viveiros de Castro, 2007). Borges, Britto e Bautista (2008) discutem que é fundamental resgatar saberes tradicionais que podem orientar o futuro com base no entendimento do passado e nas percepções dos povos indígenas sobre o meio ambiente e a cultura. Esses conhecimentos não se limitam à academia, como salientado por Japiassu (1991), mas também incorporam saberes transmitidos de geração em geração, influenciando diretamente a forma como as crianças indígenas interpretam e interagem com o mundo ao seu redor. No entanto, a transição para áreas urbanas apresenta desafios complexos, como destacado por Paiva et al. (2016), pois a concepção da criança indígena muitas vezes entra em conflito com a compreensão do ambiente escolar urbano em comparação com o ambiente da comunidade indígena. É crucial que a escola estabeleça um diálogo entre essas diferentes realidades para garantir que a criança indígena mantenha sua identidade cultural, conforme ressaltado por Sisto (2010). A abordagem da educação intercultural, conforme proposto por Freire (1989) e Vasconcellos (2010), destaca a importância fundamental da escola como um

<sup>1</sup> Bolsista da CAPES. Mestrando do programa de pós-graduação em Educação - PPGED, Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Hdss.edc23@uea.edu.br

<sup>2</sup> Professora Doutora em Educação, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. caparecida@uea.edu.br

centro de afirmação e valorização dos saberes locais da comunidade, promovendo uma educação que valorize não apenas o conhecimento acadêmico, mas também as tradições e saberes locais das crianças indígenas. Integrar conhecimentos tradicionais Sateré-Mawé no ensino de ciências, como o uso do guaraná como planta medicinal e energética, as práticas de manejo sustentável da floresta, a utilização responsável dos recursos naturais e as técnicas de produção de artefatos em cerâmica e fibras, além do conhecimento sobre a fauna local, como a importância das abelhas nativas sem ferrão na polinização e produção de mel, e o manejo de pesca sustentável com o uso de métodos tradicionais como a pesca com timbó, é um exemplo de como esses saberes podem enriquecer o currículo escolar. Isso contribui para formar cidadãos conscientes e engajados na construção de uma sociedade mais sustentável e equitativa, como defendido por Guattari (2009) e Morin (2010). A pesquisa enfatiza a importância de valorizar e integrar os conhecimentos indígenas Sateré-Mawé na educação não indígena de Parintins, especialmente no ensino de ciências. Isso não apenas avança na compreensão educacional, mas também preserva o patrimônio cultural e ancestral. Ao analisar esses resultados, a pesquisa busca contribuir significativamente para entender as dinâmicas educacionais enfrentadas por crianças indígenas em ambientes não indígenas, identificando desafios e oportunidades para promover o respeito à diversidade. O objetivo é melhorar as práticas educacionais ao integrar saberes tradicionais e o ensino de ciências, visando uma educação mais equitativa e respeitosa da diversidade cultural.

**Palavras-Chave:** Etnoconhecimento Indígena; Escola não Indígena; Diversidade Cultural.

## REFERENCIAS

BORGES, K. N.; BRITTO, M. B.; BAUTISTA, H. P. Políticas públicas e proteção dos saberes das comunidades tradicionais. Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, ano X, nº 18, p.87-92, dez. 2008.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza et al.. **EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA EM PARINTINS/AM: Invisibilidade E Silenciamentos Nos Caminhos Da História E Das Condições De Aprendizagem.** In: Anais do XII Fórum Internacional de Pedagogia - FIPED. Anais... Cajazeiras (PB) AINPGP, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xiifiped2021/434491-educacao-escolar-indigena-em-parintinsam---invisibilidade-e-silenciamentos-nos-caminhos-da-historia-e-das-condic>. Acesso em: 22/03/2024

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios.** Cosac Naify, 2009.  
FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23ª ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.  
GUATTARI, F. **As três ecologias.** 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LDB\_ Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em 15 de jun. 2022.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PAIVA, I. T. P. et al. **A aldeia a cidade: reflexões sobre a educação escolar de crianças indígenas em uma escola urbana de Parintins.** 30ª Reunião Brasileira de Antropologia Agosto, João Pessoa/PB de 2016.

REPETTO, M.; SOUZA, E.P. **Diagnóstico da situação dos indígenas na cidade de Boa Vista-Roraima.** Organização dos Indígenas da Cidade; ilustrações de Bartolomeu da Silva Tomas. Gráfica Ióris, Boa Vista: 2007.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas **Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Loyola, 1986

SILVA, Circe Mary Silva da (Org.). Educação escolar indígena no Brasil: questões contemporâneas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2013.

SISTO, C. O conto popular africano: a oralidade que atravessa o tempo, atravessa o mundo, atravessa o homem. **Revista Tabuleiro de Letras**, Uneb, Salvador, n° especial, dez. 2010. Disponível

em:

[http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero\\_especial/pdf/artigo\\_nespecial\\_01.pdf](http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_especial/pdf/artigo_nespecial_01.pdf).

Acesso em 05 dez. 2012.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência.** Campinas: Papirus, 2010.

**AGRADECIMENTOS:** Gostaria de expressar minha profunda gratidão às instituições que tornaram este trabalho possível. Em primeiro lugar, agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro e acadêmico, que foi essencial para a realização deste estudo. Além disso, gostaria de agradecer às comunidades indígenas Sateré-Mawé, que generosamente compartilharam seus conhecimentos e experiências, enriquecendo significativamente esta pesquisa.